



GUERRA EM GAZA

Netanyahu pretende expandir ofensiva

Segundo a mídia israelense, apesar resistência das forças de defesa, premiê deve anunciar a tomada do enclave palestino. Em carta, 550 ex-membros de segurança do país pedem o fim do conflito e o resgate de reféns mantidos pelo Hamas

Entre crescentes manifestações pelo fim da guerra em Gaza e ponderações das Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês), o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu pretende expandir a ofensiva e ordenar a tomada total do enclave palestino, informaram meios de comunicação do país. O premiê anunciou, ontem, que esta semana dará “instruções” sobre a continuação do conflito, num momento em que aumenta a pressão para a libertação dos reféns israelenses sob o domínio do Hamas.

A cobrança pelo resgate dos cativos, há 22 meses em território palestino, aumentou depois que o Hamas e a Jihad Islâmica, aliada do movimento radical palestino, divulgou três vídeos mostrando dois reféns israelenses, identificados como Rom Braslavski e Evyatar David. As imagens comoveram Israel e reacenderam o debate sobre a necessidade de alcançar rapidamente um acordo para libertar os sequestrados.

O ministro israelense das Relações Exteriores, Gideon Saar, afirmou que o país quer colocar a questão “no centro da agenda internacional”. Hoje, haverá uma sessão do Conselho de Segurança da ONU, convocada por Israel e dedicada ao tema.

“Estamos no meio de uma guerra intensa na qual obtivemos sucessos muito importantes, históricos, porque não estávamos divididos”, declarou, ontem, Netanyahu. “Devemos continuar unidos”, acrescentou, durante a reunião do Conselho de Ministros.

O premiê anunciou que vai convocar seu gabinete “esta semana” para “dar instruções” ao Exército sobre a maneira de alcançar os três objetivos de guerra. “Derrotar o inimigo, libertar nossos reféns e garantir que Gaza deixe de ser uma ameaça para Israel”, enumerou. De acordo com a mídia israelense, as novas orientações podem ser transmitidas ainda hoje.

Manifestos

Nas últimas semanas, ganharam força manifestações pelo fim da ofensiva. Ontem, em carta pública, 550 ex-chefes de espionagem, militares, policiais e diplomatas — entre eles vários ex-chefes do Mossad e da agência de segurança interna, o Shin Bet — pediram ao presidente dos EUA, Donald

Trump, que pressione Netanyahu a encerrar o conflito e levar os reféns de volta. “Parem a guerra em Gaza!”, exorta o documento.

“O Tsahal (Exército israelense) cumpriu há muito tempo os dois objetivos que poderiam ser alcançados pela força: dismantelar as formações militares e o governo do Hamas”, consideraram os membros do CIS, o o maior grupo israelense de ex-comandantes do Exército, Mossad, Shin Bet, polícia e corpos diplomáticos equivalentes. “O terceiro, e o mais importante, só pode ser alcançado com um acordo: trazer todos os reféns para casa”, destacaram.

Na véspera, foi divulgada outra petição, assinada por aproximadamente mil artistas e escritores de Israel, em defesa de um cessar-fogo em Gaza. “Como homens e mulheres da cultura e da arte em Israel, nos vemos, contra nossa vontade e nossos valores, cúmplices — enquanto cidadãos israelenses — da responsabilidade pelos horribes acontecimentos que estão ocorrendo na Faixa de Gaza”, assinala um trecho da declaração.

“Fazemos um chamado a todos os envolvidos na elaboração e execução desta política para que parem! Não deem ordens ilegais e não as obedeçam! Não cometam crimes de guerra! Não abandonem os princípios da moral humana e os valores do judaísmo! Parem a guerra. Libertem os reféns”, clamam os signatários.

“Ruína e morte”

“Netanyahu está levando Israel para a ruína e os reféns, à morte”, denunciou, por sua vez, o Fórum de Famílias de Reféns, a principal organização de familiares dos sequestrados. “Há 22 meses, vende-se ao público a ilusão de que a pressão militar e os intensos combates trarão os reféns de volta”, avaliaram parentes dos sequestrados. “Não são mais que mentiras e enganos”, frisaram.

Das 251 pessoas capturadas pelo Hamas durante o ataque a Israel, em outubro de 2023, 49 não foram libertadas. Dessas, 27 teriam morrido, segundo o Exército israelense.

Após a divulgação das imagens de Rom Braslavski e Evyatar David, Netanyahu pediu ajuda ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) “para fornecer alimentos” e “assistência médica” aos reféns. O Hamas exigiu como condição “a abertura de corredores

AFP



Em Nusseirat, no centro do território palestino, homens carregam os corpos de pessoas mortas enquanto buscavam alimentos

O Tsahal (Exército israelense) cumpriu há muito tempo os dois objetivos que poderiam ser alcançados pela força: dismantelar as formações militares e o governo do Hamas. O terceiro, e o mais importante, só pode ser alcançado com um acordo: trazer todos os reféns para casa”

Trecho de documento divulgado por ex-membros da segurança israelense

humanitários” para o envio de alimentos e medicamentos ao território palestino.

A comunidade internacional também tem pressionado Israel, que libera a entrada de quantidades de ajuda consideradas insuficientes pela ONU, para que abra os canais humanitários em Gaza. “Negar o acesso aos alimentos à população civil pode constituir um

crime de guerra, até mesmo um crime contra a humanidade”, declarou, ontem, o alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Volker Türk. No enclave, o Exército israelense continua com seus bombardeios e operações terrestres. Segundo a Defesa Civil local, 19 palestinos morreram, ontem, nove dos quais tinham ido buscar ajuda alimentar no centro de Gaza.

Demissão barrada

O governo israelense aprovou, ontem, por unanimidade, a destituição da procuradora-geral Gali Baharav-Miara, uma crítica ferrenha ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. A decisão, no entanto, não vigorou por muito tempo e foi suspensa pela Suprema Corte após a apresentação de um recurso.

O ministro da Justiça, Yariv Levin, anunciou a deliberação do gabinete, votada durante reunião do Conselho de Ministros, e enviou uma carta a Baharav-Miara, advertindo-a de que “não deveria tentar se impor a um governo que não confia nela e não pode trabalhar de maneira eficaz com ela”.

Baharav-Miara está em rota de colisão com o governo por questionar a legalidade de algumas decisões tomadas por Netanyahu, especialmente a tentativa, em maio passado, de

destituir Ronen Bar, chefe do Shin Bet, o serviço de segurança interna de Israel.

Também ocupando o cargo de conselheira jurídica do governo, a procuradora-geral do Estado, proibiu Netanyahu de demitir Bar, sob o argumento de que ele estava em situação de “conflito de interesses”. Isso por conta de uma investigação do Shin Bet sobre aliados do premiê, suspeitos de receber subornos do Catar.

Após a decisão do gabinete de destituir a procuradora-geral, o partido opositor Yesh Atid e várias ONGs apresentaram recursos à Suprema Corte com urgência para anular a decisão. A Suprema Corte barrou a demissão e impediu o governo de nomear um substituto. O julgamento final dos recursos deve ocorrer dentro de um prazo de 30 dias.

RÚSSIA

Kremlin pede cautela em retórica nuclear

Três dias após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, determinar o reposicionamento de dois submarinos norte-americanos, em reação a provocações do ex-presidente russo Dmitri Medvedev, o Kremlin pediu, ontem, cautela nas ameaças nucleares. “Acreditamos que todos devem ser muito prudentes em suas declarações sobre o tema”, declarou o porta-voz da presidência russa, Dmitri Peskov, durante uma entrevista coletiva.

“Não desejamos ser arrastados para uma polêmica desse tipo”, assinalou Peskov. Ao mesmo tempo, o porta-voz do líder russo Vladimir Putin procurou atenuar a repercussão da medida anunciada por Trump. Segundo ele, os submarinos norte-americanos “já estão em

serviço” permanentemente.

O presidente dos EUA tomou a decisão na sexta-feira como reação às declarações consideradas provocadoras de Medvedev, que, desde o início da ofensiva na Ucrânia, em 2022, fez várias comentários beligerantes contra os países ocidentais nas redes sociais. Trump não especificou exatamente para onde os submarinos seriam enviados, nem explicou se eram embarcações com propulsão nuclear ou armados com ogivas atômicas.

Cessar-fogo

Depois de adotar uma postura conciliadora com Putin ao assumir o novo mandato, no início do ano, o magnata republicano vem externando, nas últimas semanas,

AFP



Putin tem até sexta-feira para decidir sobre uma trégua na Ucrânia

sua frustração com o comportamento do russo. Ameaçou, inclusive, impor novas sanções contra Moscou, se não houver um cessar-fogo contra a Ucrânia.

Nesse momento de tensão, o enviado especial de Trump, Steve Witkoff, deve desembarcar na Rússia na quarta ou na quinta-feira, véspera do fim do prazo estabelecido pelo chefe da Casa Branca para a trégua. Peskov declarou que a visita será “importante e útil”. “Sempre estamos felizes por ver Witkoff em Moscou e empolgados de estar em contato com ele”, declarou o porta-voz, após indicar que não descarta a possibilidade de uma reunião com Putin.

O presidente russo já se reuniu com Witkoff em várias ocasiões em Moscou, antes da interrupção dos

esforços de Trump para retomar as relações com o Kremlin. Peskov não descartou a possibilidade de um encontro com Putin.

Apesar da pressão de Washington, a ofensiva da Rússia contra o país vizinho pró-Occidente continua avançando. Na noite de domingo, o exército russo lançou 162 drones e um míssil, a maioria dos quais foi derrubado, contra a Ucrânia. Quatro pessoas morreram em bombardeios russos na região de Zaporizhzhya (sul), segundo as autoridades locais.

Do lado russo, um ataque de drones ucranianos provocou um incêndio em um depósito de petróleo em Sochi, a cidade turística que foi sede dos Jogos Olímpicos de Inverno em 2014, segundo as autoridades locais.